

## COMENTÁRIO SOBRE O FILME *NO RITMO DO CORAÇÃO*

**N**o *ritmo do coração* (CODA, no original em inglês), filme dirigido por Sian Heder e que ganhou Oscar de melhor filme em 2022, conta a história de uma família com deficiência auditiva que comanda um negócio de pesca em Gloucester, nos EUA. A filha mais nova do casal, Ruby, a única pessoa que escuta, ajuda a família nas atividades do dia a dia. Ela sai todas as madrugadas para pescar com o pai e com o irmão, antes de ir à escola, e acompanha a negociação dos peixes na cooperativa. O filme é um roteiro adaptado da comédia romântica *Família Bellier*, de 2014, cuja história gira em torno de uma família de fazendeiros no interior da França.

A menina é um elo de inclusão da família na sociedade ampliada, ao mesmo tempo em que ela, de certa maneira, se exclui dessa sociedade. Afinal, ela é uma adolescente que acorda de madrugada, trabalha, vai cheirando a peixe para a escola e tem a incumbência de ser a voz e os ouvidos de sua família de origem.

O dilema central do filme aborda o pertencimento e as lealdades de uma criança saudável dentro de uma família com deficiência, e a forma como a família busca sua inclusão através desta filha. A maneira da família de lidar com as diferenças se torna um peso para a menina.

Para tornar mais complexa a problemática, Rudy, que adora cantar e tem uma voz primorosa, entra no coral da escola e é incentivada pelo professor a desenvolver seu canto. Ele a convida a treinar e dá a ela uma posição de destaque no coral. Diante das necessidades conflitantes de atender seus desejos pessoais e, ao mesmo tempo, ajudar sua família, a crise se instala.

Como entrar em contato com as diferenças sem excluí-las? Como Ruby aceita seu dom para o canto dentro do ambiente familiar que não valoriza sua capacidade e até a rejeita? Como ser leal à família de origem e, ao mesmo tempo, seguir seu processo de diferenciação? Como abrir espaço para seu destino sem abandonar e desproteger sua família?

Os pais parecem viver em harmonia, não têm maiores pretensões em relação a seus filhos e estão confortáveis dependendo de Ruby. Seu irmão, por outro lado, se revolta com a dependência da irmã e tenta assumir as rédeas de seu negócio, apesar da surdez. Sua postura é mais proativa e ele não aceita que a irmã tenha tanto protagonismo. O irmão não quer alguém que faça a mediação com o mundo ouvinte, ele quer estabelecer estratégias para superar a limitação e se relacionar de forma autônoma. Temos aí duas formas de lidar com a surdez, uma que assume e dependência e outra que luta por autonomia. Nessa luta pela autonomia dos filhos, se estabelece a trama com a Rudy como protagonista.

**MARIA GABRIELA  
MANTAUT LEIFERT**

*Instituto Noos,  
São Paulo/SP, Brasil*

Como superar os desafios internos de dar vazão a um desejo e consolidar ainda mais a individualidade diante dos seus pais? Esse é o dilema de todos nós, mas com certeza, em uma família atípica esse dilema se faz ainda mais marcado, pois ele amplia o distanciamento dos genitores. No livro *Longe da árvore*, de Salomon (2013), o autor comenta que muitas vezes os pais com deficiência preferem ter um filho igual a eles, pois um filho sem atipias pode ser entendido, inicialmente, como algo ameaçador, na medida que os pais não possuem repertório para orientar a criança no mundo em que ela irá viver. Salomon (2013) argumenta que uma nova família precisa ser construída a partir do inesperado, a ruptura das expectativas demanda da família um longo processo de aceitação e revisão de padrões e condutas. O autor ressalta que a diferença fortalece o amor. Dentro dessa família atípica, ter uma criança “saudável” provoca um movimento para buscar recursos próprios e estímulos específicos para essa criança.

Essa condição de intérprete da Rudy pode ser vivida pelas crianças em famílias de imigrantes. De modo geral, elas aprendem a língua do país de imigração muito rapidamente e se transformam em intérpretes de seus pais e avós. Isso pode promover um amadurecimento precoce e uma alternância na hierarquia. Elas podem tornar-se “mais maduras” do que os pais e, muito precocemente, terem que lidar com situações do mundo adulto. Um exemplo disso acontece no filme quando Rudy tem que ser intérprete em uma consulta com o urologista do pai e tem que orientá-lo sobre tratamento que envolve a vida sexual do casal. Em outras circunstâncias, a jovem tem que acatar as normas e regras paternas.

O filme também nos remete ao conceito de vulnerabilidade relacional. Sylvia London e Nêca Rodrigues (em comunicação pessoal de 2022) nos informam que se trata de um compromisso relacional, no qual os participantes criam uma atmosfera de segurança, aceitação e respeito em que a vulnerabilidade é compartilhada, em um espaço íntimo e relacional. Observamos esse conceito em ação no final do filme, quando acontece o desenlace do conflito. A protagonista solta sua voz assumindo seu potencial e, ao mesmo tempo, inclui seus pais. Na apresentação do coral, na escola, a menina canta a música principal e interpreta com sinais o final da música. Com esse gesto, ela consegue estabelecer uma ponte entre seu mundo interno, recém conquistado, e o mundo dos pais, que se encontram na plateia. Nesse sentido, como apontam London e Rodrigues (2022), cada um toma conta de si para poder tomar conta do outro, gerando um sentimento de dignidade e respeito mútuo. As mesmas autoras argumentam que, a partir da vulnerabilidade compartilhada, entramos em contato com a incerteza que nos convida a um movimento de abertura, aprendizagem e criatividade.

Isto nos leva a refletir sobre as pontes que fazemos na vida, de que forma estabelecemos nossas conexões com as pessoas, de que maneira realizamos nossas trocas. Percebemos que algumas podem ser saudáveis e potencializar nossa criatividade, trazendo à tona o melhor de nós mesmos; já outras podem nos aprisionar e dificultar os movimentos de autonomia e realização plena de nossas capacidades. No filme, Rudy tem que refazer o pacto com seus pais para seguir seu caminho e realizar suas potencialidades. No gesto para incluí-los, ela lança mão, após uma longa jornada de superação de incertezas e conflitos, de sua capacidade amorosa e criativa.

## REFERÊNCIAS

Salomon, A. (2013) *Longe da árvore. Pais e filhos em busca da identidade*. Editora Companhia das Letras, SP.

---

### **MARIA GABRIELA MANTAUT LEIFERT**

Psicóloga, Mestre em Psicologia Social USP, Terapeuta Casal Família, Mediadora e Terapeuta Intercultural.

<https://orcid.org/0000-0002-6086-2302>

E-mail: [mgmleifert@gmail.com](mailto:mgmleifert@gmail.com)

Comentário  
sobre o filme  
*No ritmo do coração*

Maria Gabriela  
Mantaut Leifert

105